
CULTURA, ETNOCENTRISMO E RELATIVISMO CULTURAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE ANTROPOLOGIA

MEIRELLES, Mauro; AYDOS, Valéria. **Cultura, etnocentrismo e relativismo cultural**. 1. ed. Porto Alegre: CirKula, 2017.

Rodolfo Alves de Macedo¹

<https://orcid.org/0000-0001-8013-3994>

<http://lattes.cnpq.br/4403890581599755>



¹ Mestre em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (EHPS/PUC-SP). Graduado em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Associado à Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Abecs). Contato: rodolfo.macedo95@gmail.com.

No século XIX, Karl Marx afirmou que a história da humanidade é a história das lutas de classes. Infelizmente, predomina nessa história a subjugação dos grupos dominados pelos grupos que se pretendem dominantes. Tais embates não cessaram, mas se acirraram no decorrer de todo o século XX e podem ser percebidos até nosso século XXI, de variadas maneiras e em diferentes campos (econômico, cultural, educacional, etc.). Logo, faz-se necessário e de grande urgência que as novas gerações sejam educadas para o convívio harmônico em sociedade, para os princípios dos direitos humanos e o respeito às diversidades humanas, sejam elas étnico-raciais, de gênero, sexuais, geracionais, entre outras.

Tais concepções crítico-reflexivas acerca do mundo em que vivemos fazem parte dos debates ocorridos no interior do sistema de ensino, ainda na educação básica, por isso as aulas cotidianas na escola são fundamentais para a formação de sujeitos críticos. Nesse sentido, a Lei nº 11.648, de 2 de junho de 2008, que inclui a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio, veio a contribuir imensamente para com esse objetivo educacional. No entanto, talvez justamente por fomentar o desenvolvimento de senso crítico, estas disciplinas têm sido frequentemente atacadas pela ala conservadora, sob o rótulo pejorativo de “doutrinação”, resultando em desmontes e propostas como a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), proposta essa de visão mais tecnicista e menos humanista, que torna essas disciplinas optativas, reduzindo assim o currículo e a carga horária. Desta forma, evidencia-se uma estratégia para enfraquecê-las e torná-las dispensáveis por completo. Apesar disso, a Filosofia e a Sociologia seguem resistindo.

Conceitos importantes como os de cultura, etnocentrismo e relativismo cultural, temas ligados à antropologia, costumam aparecer nas aulas de sociologia no ensino médio, então, faz-se necessário que tais conceitos sejam abordados de maneira acessível, de modo que os alunos, ainda iniciantes nesta área, possam se apropriar das ideias e ampliar seu repertório e sua visão de mundo. Com isso em mente, o livro *Cultura, etnocentrismo e relativismo cultural*, escrito por Mauro Meirelles e Valéria Aydos, é destinado aos professores de Sociologia em atuação na educação básica, como um instrumento de promoção de uma perspectiva crítica.

Mauro Meirelles é doutor em Antropologia Social, mestre em Educação e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Valéria Aydos é cientista social, mestre e doutora em Antropologia Social, e realizou pós-doutorado pela mesma universidade. Publicada em 2017 pela editora CirKula, a obra em formato de

bolso conta com apresentação do antropólogo Marcelo Tadvall e está estruturada em 7 capítulos em suas breves 79 páginas, versando sobre conceitos fundamentais de antropologia.

Já na apresentação da obra, Tadvall discorre brevemente sobre o compromisso ético e pedagógico de tal obra, sobretudo por estarmos vivendo tempos difíceis no que tange o respeito à diversidade. Não se trata de um material ofertado a especialistas em antropologia, mas sim a iniciantes e interessados. Portanto, um compromisso ético por servir à desconstrução de preconceitos arraigados nos sujeitos.

Na introdução, Meirelles e Aydos informam aos leitores seu direcionamento aos professores de sociologia, trabalhadores que estão diariamente no chão da escola, na linha de frente em contato com os alunos, e muitas vezes precisam abordar temas ligeiramente “espinhosos”. Os autores também apresentam a organização do texto, dividindo-o em duas partes: a primeira, versando sobre a construção do conceito de cultura na antropologia, passando pelas noções de diversidade e diferença, e na segunda, uma aplicação prática, a partir da noção de estranhamento de nossa própria cultura.

Para iniciar o leitor na temática do livro, no capítulo 1, “Uma introdução à Antropologia Social”, Meirelles e Aydos descrevem a antropologia como uma ciência que estuda as culturas, percorrendo o caminho histórico dessa ciência, com os estudos dos povos indígenas, rurais e, mais recentemente, urbanos, de modo que o trabalho do antropólogo contemporâneo perpassa por diversos temas da vida em sociedades urbanas. Feita a introdução dessa área do conhecimento, nos próximos três capítulos os autores se dirigem à questão das definições do objeto de estudo da antropologia: a cultura (ou culturas, no plural).

No segundo capítulo, “Cultura: uma breve digressão”, os autores percorrem o caminho do conceito de cultura em diferentes tradições teóricas, porém, deixando claro que não é verdadeira a ideia de que houve uma evolução linear e cronológica do conceito, mas a utilizam no texto apenas para fins didáticos. O conceito de cultura desenvolveu-se historicamente em diferentes tempos e espaços, tornando sua definição bastante difícil, tendo em vista múltiplas sobreposições, tornando-o polissêmico. Partindo de exemplos de usos de senso comum do termo cultura, procuram romper com estas noções hierarquizantes em direção a uma definição antropológica, “[...] entendida como um conjunto de regras, costumes e formas de ser, pensar e estar no mundo que são compartilhadas por um dado grupo de pessoas, num dado momento do tempo” (Meirelles; Aydos, 2017, p. 29).

Seguindo para o capítulo 3, “Construindo o conceito de cultura”, os autores iniciam mostrando como anteriormente a uma definição clara de cultura já podiam ser observadas as

diferenças culturais entre sociedades, sobretudo sob a lógica da falta e da negação do outro. Continuando, retomam historicamente como o conceito de cultura foi sendo construído a partir de diferentes correntes teóricas, iniciando pelo evolucionismo, representado por Morgan, Tylor e Frazer. Nesta perspectiva, via-se que a noção de cultura reflete a ideia de que seria um conjunto de elementos característicos de um povo, porém, haveria civilizações e culturas mais ou menos avançadas, sendo estas ainda em estado mais primitivo e devessem, portanto, percorrer um caminho de desenvolvimento, tendo como principal referência a cultura europeia. Desta forma, observa-se uma lógica de classificação e hierarquização das diferentes culturas.

No quarto tópico, “Avançando na construção do conceito de cultura”, capítulo mais elaborado e o último que trata da conceitualização de cultura, os autores percorrem o caminho de diferentes escolas antropológicas, de Franz Boas a Clifford Geertz, passando por Malinowski, Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss. Desta forma, caminham para o rompimento com a tradição evolucionista por meio do relativismo de Franz Boas, que permitia aos antropólogos perceber a cultura do outro a partir da visão do outro. Apesar disso, os autores afirmam que Franz Boas e seus seguidores acabaram por ter um caráter reducionista ao tentar entender a cultura a partir de elementos constitutivos ou por meio de outras disciplinas. Por outro lado, afirmam ser com Malinowski que o método etnográfico e de observação participativa junto aos nativos será o fazer antropológico contemporâneo. Ainda, fazem uma menção a Radcliffe-Brown, comparando-o a Malinowski, para então abordarem questões relativas ao tabu do incesto na antropologia estrutural de Lévi-Strauss e por fim, o conceito de cultura como uma teia de significados na antropologia interpretativa de Geertz.

No capítulo 5, “Etnocentrismo e relativismo”, Meirelles e Aydos tratam de outros dois conceitos que, de certa forma, já foram abordados anteriormente, uma vez que estão intimamente relacionados. Na elaboração dos capítulos anteriores, ficou demonstrado como a observação da cultura se deu a partir de um olhar estranho em relação à cultura do outro, mas que foi aos poucos cedendo espaço para uma visão mais inclusiva, no sentido de percebê-la a partir da visão do outro. Esse estranhamento pode ser visto como uma atitude etnocêntrica, isto é, uma atitude do observador que considera sua própria cultura como parâmetro, contendo pré-noções e julgamentos de valor. No entanto, é com o objetivo de romper com essa visão que se adota o relativismo ao entendermos que cada cultura só pode ser compreendida a partir de seus próprios valores.

Para esta última parte da obra, nos capítulos 6 e 7, Meirelles e Aydos passam para uma aplicabilidade prática. No capítulo 6, “Estranhando o familiar: nós e os Nacirema”, os autores abordam o texto *Ritos corporais entre os Nacirema*, do antropólogo Horace Miner, com o objetivo de desenvolver uma espécie de “imaginação antropológica”, ou melhor, observar com outros olhos aquilo que vemos no cotidiano.

Como conclusão, no capítulo 7, “Dicas de como utilizar esse livro em sala de aula”, os autores finalizam sugerindo duas possibilidades as quais os professores podem se beneficiar do uso desta obra em sala de aula: uma mais teórica e outra mais prática. A primeira refere-se a uma lógica do próprio texto, uma leitura teórica sobre o conceito de cultura a partir de textos de autores como Frazer e Boas. A segunda refere-se a um exercício prático de estranhamento e problematização de questões do cotidiano dos alunos, de modo a fomentar leituras de mundo mais críticas. Para maior aprofundamento, sugerem leituras de DaMatta e Kant de Lima.

Perpassando o caminho traçado pela antropologia enquanto ciência, nesta pequena obra, Mauro Meirelles e Valéria Aydos ocupam-se de três conceitos fundamentais de antropologia, sendo eles: cultura, etnocentrismo e relativismo cultural. De sólida formação acadêmica, não os abordam de maneira academicista, mas simplificada. Logo, cumprem seu objetivo pedagógico ao torná-los acessíveis, utilizando uma linguagem clara e objetiva. Desta forma, recomendamos a leitura do livro *Cultura, etnocentrismo e relativismo cultural* não somente aos professores que se encontram no chão da escola, mas também a alunos do ensino médio e universitários iniciantes que buscam uma introdução aos conceitos abordados na obra, devendo ser complementados com leituras mais aprofundadas.

REFERÊNCIAS

MEIRELLES, Mauro; AYDOS, Valéria. **Cultura, etnocentrismo e relativismo cultural**. 1. ed. Porto Alegre: CirKula, 2017.